

## **ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DIASPÓRICAS: Prefácio à tradução de *Um estranho familiar*, de Stuart Hall <sup>1</sup> DIASPORIC ONTOLOGY AND EPISTEMOLOGY: Preface to the translation of *Familiar Stranger*, by Stuart Hall**

Liv Sovik <sup>2</sup>

**Resumo:** *O texto que segue é uma proposta de prefácio à autobiografia de Stuart Hall, publicado em 2017 pela Duke University Press e a editora Penguin. Escrito durante um período de muitos anos em parceria com o amigo e ex-aluno Bill Schwarz, a biografia, a obra nos fala de como Hall chegou a seu estilo e foco particular de pensamento. O prefácio retoma os propósitos do livro, que são de explicar o quadro histórico, cultural e político que formou Hall e seu pensamento. Revisa parte da crítica a Hall, cujos critérios são muito diversificados. Aponta para a relação entre o ser jamaicano e colonial de Hall com sua epistemologia e com o Brasil que Hall conheceu em 2000. Espera-se, com a apresentação deste trabalho, poder discutir critérios epistemológicos para o trabalho acadêmico no Brasil de hoje inspirados em um pensador formado no eurocentrismo, conhecedor do logocentrismo, mas aberto para um diálogo entre ser e saber, ontologia e epistemologia.*

**Palavras-Chave:** Palavra-chave 1. Stuart Hall 2. Diáspora 3. Ontologia 4. epistemologia

**Abstract:** *The following text is a proposed preface to Stuart Hall's autobiography, published in 2017 by Duke University Press and Penguin. Written over many years in collaboration with his friend and former student Bill Schwarz, the work explores how Hall developed his particular style and focus of thought. The preface revisits the book's objectives, which are to explain the historical, cultural, and political framework that shaped Hall and his thinking. It reviews part of the criticism directed at Hall, which comes from highly diverse criteria. It also highlights the relationship between Hall's Jamaican and colonial identity, his epistemology, and the Brazil he encountered in 2000. By presenting this work, the aim is to foster a discussion on epistemological criteria for academic work in Brazil today, inspired by a thinker shaped within Eurocentrism, well-versed in logocentrism, yet open to a dialogue between being and knowing, ontology and epistemology.*

**Keywords:** Keyword 1. Stuart Hall Keyword 2. Diaspora Keyword 3. Ontology Keyword 4. Epistemologia

A autobiografia de Stuart Hall, escrita por meio de diálogos com seu amigo e ex-aluno Bill Schwarz, começa convencionalmente, com a descrição da família de Stuart Hall e do local de seu nascimento, Kingston, capital de Jamaica, então colônia britânica. Hall enfatiza o fato

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Escola de Comunicação da UFRJ, Doutora em Ciências da Comunicação, [Lsovik@gmail.com](mailto:Lsovik@gmail.com).

de ser um *colonial subject*, um súdito da coroa britânica e cidadão de uma sociedade que tinha como referência de poder estatal o governo de um outro país e que vivia à distância das decisões, acontecimentos e modos de vida que mais importavam. Em 1962, quando Jamaica ganhou a independência, Hall já tinha 30 anos de idade e passara uma década desde que se mudou para a metrópole, onde viveu entre Oxford e Londres. Neste livro e em outros comentários autobiográficos, ele enfatiza seus múltiplos deslocamentos, resultados diretos ou indiretos de ser um sujeito colonial. Em ordem cronológica reversa, foi imigrante ao Reino Unido e estrangeiro; colonial e negro na Universidade de Oxford, instituição da elite tradicional britânica; colegial numa escola jamaicana que preparava a elite local, instruindo-a na cultura do colonizador; e membro de uma minoria privilegiada circundada por uma maioria pobre e mais preta que ele, cuja potência, ele pensava, somente se desabrocharia depois da descolonização.

Intimamente, foi um estranho no ninho desde que nasceu, em 1932, o mais escuro de uma família de classe média/média alta “*brown*”, isto é, não preta, na “pigmentocracia” jamaicana. É o nexos que esses deslocamentos formam que lhe preocupa neste livro. Hall começa descrevendo a Jamaica em que viveu até 1951, quando, beneficiário da única bolsa Rhodes concedida naquele ano letivo a um jovem caribenho, viajou para estudar em Oxford e nunca mais voltou a viver em Jamaica. O livro explica a teia de relações sociais em que Hall foi inserido, a história da Jamaica colonial e escravagista que a informava e como ele a experimentava. Fala das hierarquias raciais que determinavam a vida e o estatuto social de sua família, e do silenciamento de qualquer menção a elas. Para Hall foi especialmente difícil e doloroso dimensionar o discurso colonial em que havia “a coexistência da autoridade absoluta da ordem racial, de um lado, e sua perpétua denegação [*disavowal*], de outro” (p.96 no original). Seu relato deixa ver quão pouco espaço tinha para estar “em casa” e como começou a entender um possível “encaixe” na Grã Bretanha quando observou, saindo de uma estação de trem em Londres, trabalhadores migrantes caribenhos chegando do navio que lhes trouxe para trabalhar na metrópole. Vislumbrou um terceiro espaço de pertencimento – diaspórico -, que ele podia ocupar.

O livro trata de algo que sempre lhe interessou, a “conexão entre ‘uma vida’ e ‘ideias’” (Hall, 2017, p.10 orig.), por meio de reflexões escritas sobre as “experiências, ideias, eventos e memórias desde o ponto de vista de quem os viveu, vamos dizer, a partir das margens” (p.10). Hall quer explicar, para quem não as vê, as conexões entre “a vida interior e os espaços da

formação colonial, e como suas antinomias foram forjadas” (p.11). Ao longo de seus deslocamentos dos dois lados do Atlântico, Hall apurou sua apreensão de como o discurso colonial estabelece hierarquias. A dureza e dificuldade do embate com o colonial desfaz a impressão que tantos têm que o discursivo é palavras ao vento ou que uma abordagem materialista requer uma redução do discursivo ao superficial e à aparência. Em “Raça, significante flutuante” (2013), afirma: “que raça se assemelha mais a uma linguagem do que à nossa forma de constituição biológica” e não é menos um discurso por ser marcada “pelo sangue e a violência, pelo genocídio da *Middle Passage*, os horrores da servidão nos engenhos e a força improvisada” (*idem*). Mesmo assim, afirma, raça é um significante, um discurso. Assim, o livro explora as condições em que Hall se formou como pensador que refletia sobre e principalmente a partir da diáspora africana e chegou, depois de se imaginar poeta, escritor, psicanalista, a uma profissão praticável: professor e, crescentemente, intelectual público arraigado na Grã Bretanha.

Depois de sua morte, mais de dez volumes de seus trabalhos foram publicados, a maior parte na coleção Stuart Hall: Selected Writings, organizada para a Duke University Press por Catherine Hall, a esposa de Stuart, e Bill Schwarz, mas também *The Fateful Triangle* (Hall, 2017), um conjunto de conferências em Harvard sobre raça, etnia e nação. Os temas das Selected Writings são os estudos culturais (2016, 2018), identidade e diáspora (2018), raça e diferença (2021), marxismo (2021), meios de comunicação (2021) e artes visuais e cultura (2024). Depois de muitos livros feitos a mais de duas mãos, não é surpreendente que este livro seja produto de um diálogo, um processo de entrevista e edição a quatro mãos com Bill Schwarz que durou anos. Sua prática investigativa sempre envolvia diálogos, seus livros autorais publicados em vida são uma raridade - um dos primeiros foi *Da Diáspora* (2003, a coletânea de seus textos em português) e suas palestras, ao ser transcritas, trazem à imaginação os públicos aos quais se dirigia.

A notável variedade de sua escrita chama atenção. Segundo seu colaborador e cunhado Michael Rustin, incluía uma

crítica constante ao trabalhismo; o desenvolvimento dos estudos culturais como, em seu cerne, um projeto político; suas reflexões sobre e engajamento com questões de raça, que se aprofundaram com o tempo; sua exploração continuada dos efeitos duradouros do colonialismo; e até seu engajamento mais tarde com as artes visuais. (Rustin in Akomfrah et alii, 2017, p.100)

Para Rustin, esses elementos estavam todos presentes no movimento *New Left* do qual Hall participou no final dos anos 1950 e início dos 1960. Para Rustin, ainda, o marxismo – revisto, às vezes subentendido, mas não descartado por Hall - foi característica de seu pensamento desde aquela época. Mas isso não é exatamente a história que Hall conta no livro, ele não quer revelar (por fim!) sua filiação político-ideológica marxista. Nem quer ser memorialista, contando detalhes do cotidiano que viveu, que acha pouco significativos. Deleuze disse em uma entrevista, “As vidas dos professores raramente são interessantes. Claro, há as viagens, mas os professores pagam suas viagens com palavras, experiências, colóquios, mesas-redondas, falar, sempre falar” (Deleuze, 1992, p. 171-172), e Hall parece concordar, pois o relato começa com a infância e para na virada de 1964 para 1965, precisamente quando, casado e mais assentado, dá início a sua carreira de professor universitário.

Hall afirma não conseguir “fazer aquela distinção da qual tanta ciência social depende, entre aspectos ‘objetivos’ e ‘subjetivos’ de processos sociais, os mundos sociais internos e externos” (p.59, original). Atribui a origem dessa incapacidade a testemunhar a crise de sua irmã quando os pais proibiram o namoro com um estudante de medicina mais escuro do que a família e sentiu que também poderia ser vitimado pelo que Sueli Carneiro chama de “dispositivo de racialidade” (2023), se permanecesse na trilha traçada para ele pela família, envolvida como era por princípios coloniais. Podemos imaginar quanto trabalho a conquista de um si viável exigiu, quantas observações de corpo inteiro, quantas experimentações foram sendo integrados a um posicionamento consciente diante da vida em uma sociedade que simultaneamente o reconhecia e repelia.

Sua trajetória como homem público depois de 1965 foi de considerável sucesso de público e na vida pessoal. Na ocasião da grande cerimônia em sua memória em novembro de 2014, em um salão lotado em que cabiam mil pessoas, a psicóloga e psicanalista infantil, sua filha Becky Hall, disse:

Acho que é um fato que meu pai não se sentiu amado por seus pais como a pessoa que ele sentia que era. De certa maneira é um fato extraordinário que isso não o impediu de amar profundamente ou de ser profundamente amado. Ele diria que isso era por causa de minha mãe. (B. Hall, 2014, 1h43)

Bem humorada, a filha também comenta que ele era constantemente interpelado por estranhos, nos momentos menos esperados, pois aparecia na televisão como entrevistado e nos programas da Open University transmitidos nos canais abertos de madrugada. “Muita gente se apaixonava um pouco por ele”, disse Becky Hall, e fez a lista: “estudantes, companheiros,

cuidadoras, colegas, jardineiros, faxineiros, administradoras, artistas. Ele sempre tinha tempo para as pessoas” (1h42). Seu carisma era inegável e muitos que estudaram no *Centre for Contemporary Cultural Studies* tiveram também carreiras importantes, levando para novos lugares sua influência.

Havia também aqueles que desconfiavam dele, até mesmo por ser carismático. “Figuras suplementares na tradição de Birmingham parecem ser incapazes de se envolver com ele de forma séria, exceto no nível do fanatismo acrítico”, escreveu Chris Rojek (2005, p. 487) e, a seguir, acusa Hall de “evitar o desenvolvimento de uma metodologia cultural viável que lhe permitisse testar as proposições sobre codificação, decodificação, populismo autoritário e assim por diante” (p. 487). Esse teste é, para Rojek, um *sine qua non* para a pesquisa acadêmica e, para ele, a fase de trabalho de Hall a partir da publicação de *Policing the Crisis* (1978) – amplamente elogiado por ter previsto e explicado a ascensão dos Conservadores e a eleição de Margaret Thatcher – e de sua mudança para a Open University e “um modo mais filosófico e discursivo de análise” (Rojek, 2005, p. 497), enquanto Hall et alii escreveram, no livro citado, que pretendiam “uma intervenção na batalha de ideias” (Hall et alii, 1978, p. x) e entendiam que uma atitude prática requeria uma segunda discussão de como intervir nas condições descritas a longo prazo. Uma outra crítica, de Terry Eagleton, credita Hall com participar dos movimentos de seu tempo, mas a partir de uma posição de esquerda de classe média que está longe da experiência da classe que forma a base de uma política de esquerda de verdade, enquanto reconhece a consistência de Hall, ao longo de sua vida, em ser aberto, “his openness” (Eagleton, 1996).

A crítica de Eagleton encontra um “outro lado” com o questionamento por Ciro Marcondes Filho, em “Stuart Hall, cultural studies e a nostalgia da dominação hegemônica” (2008), da leitura por Hall de Bakhtin e seu uso do conceito de ideologia, que Ciro considera ultrapassado. Discuti esses e outros argumentos de Marcondes Filho e também de Vera Follain de Figueiredo sobre Hall pouco dizer sobre a realidade nacional jamaicana, onde Hall poderia realmente fazer um impacto, em “Stuart Hall – Notas dissonantes” (2014). Na Grã Bretanha como no Brasil, o trabalho de Hall é criticado por estar longe demais do concreto da luta emancipatória (Eagleton e Figueiredo), enquanto outra crítica entende que seu erro teria se estabelecido por motivos opostos: Rojek mira no “seu modo filosófico e discursivo de análise” enquanto Marcondes Filho visa a insuficiente percepção por Hall da perda geral de sentido:

“Hall fala em representação e significação, quando os demais [Derrida, Lyotard, Baudrillard] falam em fim de qualquer prática nesse sentido” (Marcondes Filho, 2008, p. 32).

Não há uma única resposta a essas controvérsias, inclusive pela “notável variedade” de assuntos ou temas sobre os quais Hall escreve e que outros autores listaram de outras maneiras, a exemplo de Maria Manuel Baptista: “poder, o biopoder, as questões de gênero, racismo e xenofobia e sobretudo o colonialismo e o pós-colonialismo” (2021 p. 155), em investigações que ficam na interseção entre as ciências humanas, as ciências sociais e os estudos artísticos. Mas também, acredito, porque esses autores não captaram a maneira em que o pensamento de Hall se origina em “uma vida entre duas ilhas”, subtítulo de *Um estranho familiar*: uma ilha onde se originavam os senhores de engenho e outra onde aportaram os escravizados, apresentando duas histórias artificialmente clivadas e de fato entremeadas - mesmo que imaginadas de forma binária - com suas ontologias interrelacionadas que formam as bases, como sabemos, de epistemologias.

Retomemos, então, a história contada aqui. O relato da vida de Stuart Hall fez parte de uma onda migratória, de maioria trabalhadora, para a Grã Bretanha. Ele estudou em Oxford logo depois do estabelecimento do Estado de bem-estar social britânico, em um momento também de instabilidade geopolítica, intensa mobilização da direita e guerra fria. Hall nunca se apegou à universidade, pois “era o apogeu de tudo o que me desassossejava/perturbava” (p.209 original), mas fez amizade com colegas britânicos, vários dos quais participavam de organizações e publicações de esquerda, com outros coloniais que esperavam fazer parte da elite pós-independência de seus países, e estadunidenses chegados para fazer uma pós-graduação. Fala das repúblicas em que morou, de seu papel de cozinheiro, função aprendida com as empregadas de sua família. Um refugio, como na Jamaica, foi a música; tocou piano em uma banda de jazz “com um baixista de Barbados e dois jamaicanos que trabalhavam nos ônibus” (p.223 orig). Acompanhou a transformação da metrópole pela onda de migrantes da qual fazia parte por acidente da história, notando com alegria o aumento inexorável de casais interracializados, testemunha da persistência do desejo, apesar da hostilidade racista, e sinal de que não havia volta. Se mudou para Londres, assumiu a direção editorial da *New Left Review*, deu aulas em um colégio, foi co-autor de um livro sobre os usos educativos do cinema, inclusive o que hoje seria considerado *blockbuster* (Hall e Whannel, 1964), conheceu a mulher, Catherine, em uma manifestação a favor do desarme nuclear e se casou com ela em dezembro de 1964, ano em que foi trabalhar com Richard Hoggart no *Centre for Contemporary Cultural Studies*,



que dá o nome aos estudos culturais. A autobiografia pára aqui: Hall está casado e se sente pertencente a uma segunda família. Já trabalha em Birmingham e no futuro próximo será a principal liderança na criação dos estudos culturais e participaria de acirradas discussões do feminismo e do futuro das relações raciais britânicas. Começou a escrever sobre política e assumiu esse tema como terreno de seu engajamento com o país, a antiga metrópole. Nem assimilado, nem irrelevante, comprometido com a transformação social, cria um espaço em que pode conviver com seus incômodos de sujeito colonial, enquanto se engaja no esforço de transformar a sociedade em que vive. O final cheio de satisfação pode ter sido arredondado por Bill Schwarz, que teve que empostar a voz de Hall para terminar de escrever o livro, mas o fato da dificuldade de garantir a autenticidade de sua voz, no livro, talvez tivesse lhe agradado. Em “Para Allon White: Metáforas de transformação”, Hall gasta algum tempo sobre a especulação sobre a real autoria de *Marxismo e literatura*, de Bakhtin e Volochínov, lembrando que “Bakhtin havia meditado sobre a ‘questão da autoria’, as relações mutantes entre o eu e o outro, o discurso indireto e a política da citação” (*Da diáspora* 2018, p. 258) e que havia algo cômico na confusão de identidades.

*Um estranho familiar* é considerado pelo público anglófono a obra de Hall mais fácil de ler, mas talvez seja a menos fácil de traduzir. Além de incluir palavras completamente estranhas ao português, como “*poui*”, nome no Caribe do ipê, ou “*festival*” no sentido de um misto de pão e pastel que se come na Jamaica, há passagens em estilo e assunto mais literários, sobre paisagens de mar e montanha e cenas da vida cotidiana. Hall se refere a eventos e figuras da história britânica, órgãos do governo colonial já extintos e organizações políticas não partidárias; inclui nomes de subculturas juvenis e também usa o vocabulário técnico acadêmico, como a nomenclatura própria da historiografia sobre a economia escravagista, cuja tradução ao português segue convenções estabelecidas; menciona fenômenos religiosos cristãos, *kumina* e rastafaris, organizações do movimento negro internacionalista do século XX, assim como obras variadas de literatura de língua inglesa, as quais as vezes cita na expectativa que a origem da citação seja reconhecível. A lista continua.

Nem todos esses objetos são transparentes para o público de fala inglesa, mas foi decidido entre tradutora e revisora que notas explicativas as mais breves possíveis seriam feitas para facilitar a leitura dos curiosos. Mesmo com as particularidades do relato, se sobressai seu fluxo, o ritmo fácil com o qual Hall entremeia o que viu, sentiu e pensou com o que ele chama de “desvio” para discutir ideias de outros autores que acha esclarecedores, formando um

desenho que sai do autobiográfico e toma um “desvio” antes de voltar a ele. O resultado não é uma espécie de romance de formação, em que acompanhamos o protagonista até sua floração, torcendo pelo final feliz, mas uma espécie de ruminação retrospectiva em que elementos do passado pessoal, social ou territorial voltam à mente e são apresentados ao leitor.

Mas, afinal, por que publicar a autobiografia, tão arraigada precisamente na *diferença* de Hall, que vem de um mundo tão distante do universo lusófono? Por um lado, parte desse universo, sobretudo a parte em Portugal, já se mobilizou para estudar Hall e acha relevantes os estudos culturais dos quais Hall foi proponente. Quanto ao Brasil, Hall retribuiu esse interesse, talvez mais do que se soube até agora. Em 24 de julho de 2000, Hall pronunciou a conferência “Diásporas, ou a lógica da tradução cultural” (Hall, 2016), na abertura do congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada em Salvador. Em função das conversas com Bill Schwarz que constituíram este livro, solicitou que a organização do congresso lhe mandasse o manuscrito da conferência, que ficara para futura publicação. Recentemente, tendo descoberto a existência dessa conferência, estudiosos de Hall no Reino Unido a destacaram e a associaram ao tema da diáspora. Como esse tema não era novo para ele em 2000, perguntei a Bill Schwarz e Catherine Hall por que Stuart atribuía importância à ocasião e à conferência. Ela respondeu:

Com certeza, a Bahia foi muito importante para Stuart, intelectual e emocionalmente – mas não acho que tenha sido o momento “Aha!” de perceber que era um teórico da diáspora – ele sempre se recusou a ser um teórico! Era mais que era um diaspórico que era muito conectado com o trabalho com artistas negros nos anos 1980 e 1990. Acho que o que importava, mesmo, foram as conexões entre o Brasil e o Caribe, a experiência negra que não tinha sido tão clara antes. Me lembro de quão tocado foi por Salvador & as pessoas no congresso – e do trabalho que fez em preparação para a visita – a volta aos materiais que leu muito tempo antes mas que agora tinha novos sentidos para ele. Acho que isso está na conferência que deu. Era tão importante estar em um lugar negro de novo... (C. Hall, 2025)

Assim, foi numa visita ao Brasil e especificamente a Salvador que Stuart Hall voltou a lembrar intensamente de suas origens em uma cidade negra, essas origens tratadas na primeira metade de *Um estranho familiar* com lirismo e certa tristeza. A conferência, publicada em inglês e português pela revista *Matrizes* em 2016, pode ser relida, agora, como uma resposta de Hall em plena maturidade – tinha 68 anos na época – à diáspora negra, sua potência e vitalidade, à história colonial lá na Jamaica e aqui no Brasil e às permanências africanas no Brasil, como na Jamaica e, também, ao público de professores do país inteiro, quase uniformemente brancos e brancas. Começou lembrando de suas leituras, entre 1954 e 1957, de



Melville Herskovitz, Fernando Ortiz, Jean Price-Mars, Gilberto Freyre e Roger Bastide, na busca de uma resposta à “visão predominante na época [...] de que o povo caribenho não tinha cultura própria, uma vez que era, claramente, produto de diferentes tradições culturais” (Hall, 2016, p. 47). Em tom de brincadeira, reconheceu um “‘momento baiano’ na pré-história dos estudos culturais” (Hall, 2016, p. 48).

O relato de vida de Hall tem como substrato uma vontade de explicar sua obra:

todo pensamento toma forma de acordo de seu local de origem, todo conhecimento é sempre até certo ponto ‘posicional’. Nunca dá para escapar da maneira em que a formação da gente aplica uma impressão ou um *template* no que nos interessa, a nossa perspectiva que temos sobre qualquer tópico, quais as ligações que queremos fazer e assim por diante. (2007, p. 271)

Nesse sentido, provê material para pensar sobre ontologia e epistemologia, uma questão vital no meio universitário hoje. Se os críticos de Hall o acham disperso entre diversos temas em busca de novidades, se o acham excessivamente ou insuficientemente marxista, envolvido demais em teoria da linguagem ou sem teoria cultural adequado a seus objetos, excessivamente filosófico ou insuficientemente sofisticado teoricamente, podemos concluir que há um mal-entendido sobre o que ele queria fazer, que parece ter a ver com o lugar que atribuía à teoria.

Embora, para tanto, falasse lacaniano e gramsciano ou althusseriano, o seu objetivo a cada fala, cada escrita era de fazer uma intervenção em um debate corrente, em uma dada conjuntura. Entendia que a teoria era fundamental para fazer essa intervenção, mas que a teoria em si não era de primeira importância. Sua tarefa era de formular cada problema de maneira a torná-lo mais fácil de encarar e para isso, a teoria era fundamental. Certa vez, escreveu que um problema é “teórico por ser também um problema político e estratégico” (2018, p. 294). Conceitos o ajudavam a dormir à noite, disse em outra ocasião. Não era o objetivo de seu trabalho formulá-los.

O que isso tem a ver com seu olhar de deslocado? Sua visão que colocava em relação íntima o dentro e o fora, o objetivo e o subjetivo, a colônia e a metrópole, mesmo sem anunciá-lo? Sua ontologia de afro-diaspórico deu vazão a uma epistemologia em que o deslocamento foi transformado em vantagem cognitiva, em capacidade de ouvir o que é silenciado e se antecipar ao que está prestes a ser anunciado. Sua existência e sua vontade de explicá-la para leitores, neste livro, nos falam de uma consistência epistemológica que não segue as linhas traçadas pelas convenções críticos acadêmicos, em que a grandeza se mede pela consistência através do tempo na criação de conceitos. Hall assumia seus interesses múltiplos, trabalhou em

várias frentes, não fazia questão de defender conceitos, mas ajudou a moldar eventos no seu país de adoção. Resta-nos avaliar que lições essa existência objeto de muita reflexão nos deixa como legado, aqui e agora.

## Referências

- BAPTISTA, Maria Manuel. “Estudos Culturais portugueses: o legado de Stuart Hall”. IN: \_\_\_\_\_ e Francisco Wellington Barbosa (orgs.). **Cartografias dos Estudos Culturais em língua portuguesa: perspectivas, investigações e desafios**. Coimbra: Gracio Editor, 2021.
- HALL, Stuart e SCHWARZ, Bill. *Familiar Stranger*. Durham, NC: Duke University Press, 2017.
- HALL, Stuart. “Raça, significante flutuante”. (Trad. Liv Sovik e Kátia Santos). Revista *Z Cultural*, 2013.
- HALL, Stuart. **The Fateful Triangle: Race, ethnicity, nation**. Cambridge, MA: Harvard, 2017.
- HALL, Stuart. **Essential Essays Vol. 1: Cultural Studies**. . Durham, NC: Duke University Press, 2018.
- HALL, Stuart. **Cultural Studies 1983**. Org. Lawrence Grossber e Jennifer Slack. . Durham, NC: Duke University Press, 2016
- HALL, Stuart. **Selected Writings on Race and Difference**. . Durham, NC: Duke University Press, 2021.
- HALL, Stuart. **Essential Essays Vol. 2: Identity and Diaspora**. . Durham, NC: Duke University Press, 2018.
- HALL, Stuart. . **Selected Writings on Marxism**. Durham, NC: Duke University Press, 2021.
- AKOMFRAH, John et alii. **Stuart Hall: conversations, projects and legacies**. London: Goldsmiths University Press, 2017.